

A FUNÇÃO ANTROPOLÓGICA DA ALDRABA: DA ORIGEM SIMBÓLICA À MORTE FUNCIONAL

Luís Filipe de Almeida Vitória Maçarico

Janeiro/Fevereiro 2002

Publicado na revista "Arqueologia Medieval", nº8, Campo Arqueológico de Mértola, Afrontamento, Maio 2003.

1. QUESTIONANDO A ALDRABA

A minha formação em Antropologia e a constatação, no quotidiano, de alguns efeitos inquietantes da globalização, proporcionaram-me, nos últimos anos, uma reflexão – algumas vezes traduzida em artigos – que possibilitou o nascimento deste texto.

A recolha de depoimentos, a troca de impressões, a pesquisa bibliográfica, em bibliotecas clássicas e virtuais, além de várias viagens à Tunísia (Tozeur), a Granada e Córdoba, ao Alentejo (Montemor-o-Novo) e Algarve (Silves, Faro), a par da observação e memorização - no que concerne a Fez, Lisboa e Alpedrinha, e também de muitas outras localidades, de Norte a Sul, inclusive na Galiza (Santiago de Compostela), consubstanciaram-se num decisivo contributo, para esse compasso argumentativo alcançar o estatuto de pensamento partilhado, através da palavra escrita.

Pacientemente, fui recolhendo as inúmeras peças do "puzzle", num afã quase obsessivo, em certa medida arqueológico, para reconstituir a função antropológica da aldraba, enquanto objecto incorporador de uma "corporalidade do conhecimento" (Leroi-Gurhan), pois, como qualquer objecto contextualizado, que causa, facilita e é consequência de relações sociais, a aldraba deve ser pensada como um "conjunto de partes que é parte de vários conjuntos." (Henry Glassie).

Perante o material recolhido, surgiram as inevitáveis questões.

Tentarei, através da presente reflexão, responder à seguinte problemática:

- Será que os portugueses de hoje reconhecem algum valor a uma aldraba?
- É possível haver uma relação entre a aldraba e os comportamentos humanos?
- Enquanto artefacto sobrevivente da cultura material de uma civilização evaporada, poderá este objecto resistir à tecnologia e usos actuais?
- Vale a pena defender este vestígio? Para quê?

2. CARACTERIZAÇÃO ETIMOLÓGICA DA ALDRABA

No seu "Vocabulário Português de Origem Árabe", José Pedro Machado diz que esta palavra - aldraba - vem do árabe «Ad-Dabbâ» e define-a como "trinco, lingueta, ferrolho."

Noutra obra do mesmo autor ("Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa"), constata-se que aldraba, aldrava, são termos citados em documentos do século XV, aparecendo este exemplo, em 1456: "...e armelhas pera as ditas portas e por aldrabas para as ganellas..."

Num dicionário, encontramos esta caracterização: "*tranqueta de ferro com que se fecha a porta; peça metálica para bater às portas.*"

Noutro, descreve-se o objecto e a sua utilidade. A aldrava (sinónimo de aldraba), será então: "*Peça de ferro, na parte anterior de uma porta, servindo para bater nesta, a fim de chamar a atenção de quem está dentro, e para erguer a tranqueta que segura a porta do lado posterior.*"

Ainda noutro, trata-se de *"peça de ferro, em forma de argola ou martelo, para bater, abrir ou fechar portas."*

O próprio "dicionário da construção", consultável na Internet, remete-nos para a ideia de uma *"argola que fica do lado de fora da porta e serve de instrumento para bater à porta"*

Todavia, é na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira que encontramos a melhor e mais Completa descrição:

"Argola fixa por uma extremidade na parte anterior das portas, a qual serve para bater nesta e para levantar a tranqueta que segura a porta do lado posterior (...) Peça de ferro ou de bronze, de formas diversas, móvel na parte superior e terminando inferiormente em martelo, que se fixa na face anterior das portas, e que se levanta e deixa cair sobre uma espera de ferro, quando se quer bater à porta. (...) Ferragem para fechar por dentro portas e postigos, formada por arame de ferro revirado em gancho dum lado e do outro articulado numa argola, ou ponto fixo; o gancho entra numa argola fixa ao arco da porta."

3. DIFERENÇA ENTRE ALDRABA, BATENTE E PUXADOR

Num artigo publicado no Jornal do Fundão, escrevi que *"adoptando o contorno em tamanho real das costas de uma mão fechada, moldada certamente pelos velhos ferreiros, e apresentando forma triangular arredondada, aberta ao meio, este instrumento, diferente dos batentes, cuja representação naturalista da mão exibe uma tendência miniatural, destacava-se pela dupla funcionalidade de anunciar, através de sonoridade distinta, as diversas visitas e preservar a residência, pois também exercia as funções de ferrolho."*

Em "As Aldrabas de Lisboa," acrescentei que *"a confusão manifesta-se mesmo nos dicionários. Todavia, a aldraba executa tarefas que o batente está impedido de fazer, pois serve também de "trinco, lingueta, ferrolho," dado que é "móvel na parte superior."*

O puxador, como o nome indica, é uma peça de madeira ou metal, que se puxa, para abrir portas... podendo ter a forma de uma maçã, daí, a designação de maçaneta, a qual servirá para assinalar este "ornato globular."

Nas últimas décadas, o avanço daquele objecto, sobre aldrabas e batentes, geralmente associado ao aparecimento das portas de alumínio, levou homens como Joaquim Palminha da Silva, a defender o *"compromisso premente da conservação das antigas portas, porque elas se relacionam com a nossa cultura ao nível dos valores e atitudes, empenhamento e atenção que se deve dar ao passado, enquanto vestígio de um tempo não afectado pela descaracterização e desumanização actuais. Tempo sensível, portanto aos registos pessoais dos artistas que, na sua própria época, partiram em busca de originalidade num cenário de necessidades práticas, criando parte da riqueza cultural e material (...). Se não existem leis nem regulamentos municipais sobre esta matéria, urge redigi-los e pô-los em acção!"*

4. ORIGEM E SIMBOLOGIA DA ALDRABA

Através das conversas que mantive com alguns informantes marroquinos (Fez, 1989) e tunisinos (Lisboa, 1999 e Tozeur, 2001), consolidei a ideia da aldraba integrar no seu design uma tradição fortemente simbólica, ou seja, esse mudo e desprezado objecto é afinal a síntese de uma crença, que se difundiu, com a chegada dos árabes, primeiro ao Norte de África, depois ao Sul da Europa.

Efectivamente, para os muçulmanos ter a representação da mão da filha do profeta Maomé em casa, é, ainda hoje, garantir a protecção certa contra os maus-olhados, consistindo, igualmente, numa forma de assumir a religião, pois os cinco dedos de uma mão, ligada ao sagrado, personificam os cinco pilares do Islão: fé, oração, peregrinação, jejum e caridade.

Em "Fêtes Religieuses et Rythmes de Tunisie", Chadly Ben Abdallah, descrevendo as fases rituais da imolação do cordeiro que é sacrificado durante os festejos do "Aid-El Kebir", detém-se na observação de "*certos costumes bizarros que têm curso nesta ocasião*", e apresenta aquele que consiste em o chefe da família, que deve proceder, segundo os costumes, ao abate ritual, "*meter a mão no sangue ainda quente do animal degolado e de aplicar seguidamente a mão ensanguentada sobre uma parede do espaço residencial, imprimindo desta forma o cunho de uma Khomsa, símbolo figurativo da deusa Tanit, e que se crê ser eficaz contra o mau-olhado.*"

Depois de muita procura, encontrei duas explicações, para o aparecimento deste fascinante objecto, na Internet:

Num site, é assegurado, através da versão de um produtor de informação no espaço virtual, que a origem será magrebina, e, que, quando os árabes invadiram a Numídia -território compreendido entre a Líbia e as Canárias - os Judeus pediram protecção aos berberes, em troca do pagamento de uma taxa, obtendo a desejada benesse, por via da mão de Fatma... (porém, o carácter vago da informação impede-nos de aceder à compreensão do facto relatado...)

Num outro site, e segundo Emile Tubiana, a origem do símbolo de protecção, que está implícito na aldraba, remontaria à época em que Moisés se encontrava no Egipto. Quando as pragas bíblicas (neste site, aumentam-nas de sete para dez) atingiram os egípcios, Moisés ordenou que as portas dos judeus fossem assinaladas, com mãos ensopadas em sangue de cordeiro.

Tendo os primogénitos (o texto fala em recém-nascidos...) egípcianos morrido, ao invés das crianças judias, os egípcios relacionaram a marca das mãos ensanguentadas com a salvação do povo judaico, adoptando também este símbolo, partilhado, presentemente, pelas gentes do Médio Oriente e da África do Norte.

Curiosamente, num site brasileiro, é afirmado que "talismãs em forma de mão eram usados desde a antiguidade, pelos fenícios, gregos e romanos, como um meio de afastar o mau-olhado," o que põe em causa qualquer das anteriores versões, e de acordo com a constatação de Chadly Ben Abdallah, confirma a ideia destas crenças e usos "*relevarem incontestavelmente de uma superstição com origens pagãs.*"

Seja qual for a verdadeira história da origem deste instrumento de sociabilidades, de simbologias, de uma hierarquização familiar, bem como da divisão sexista, trata-se dum produto dos povos mediterrânicos, da sua sabedoria e do seu intercâmbio de culturas.

O PAPEL DAS ALDRABAS NO NORTE DE ÁFRICA: CURIOSIDADES, CIÊNCIA E DESATENÇÃO

Num site sobre Rabat, lê-se, acerca da eficácia utilitária, que as portas de entrada das residências podem ter várias aldrabas: uma, baixa, para os que avançam a pé, outra, mais alta, para aqueles que andam a cavalo.

Noutro, igualmente acerca de portas marroquinas, recorda-se que, para lá da função decorativa, na passagem de fora para dentro, a porta, marca de identidade da casa, revela tanto a nobreza da alma do proprietário como as forças que ele invoca para a protecção da sua intimidade.

Referindo-se à porta do palácio de Fez el-Bali, outro site, confirma o hábito, assinalado, de duas aldrabas, em bronze, uma para os peões, e outra, colocada mais acima, para os cavaleiros.

Num outro lugar ainda, assegura-se, acerca deste amuleto, que em casa das famílias urbanas ricas, as aldrabas das portas eram geralmente em bronze, cobre ou latão e adoptavam a forma da mão de Fatma ou de um pentáculo. O ferro era sobretudo utilizado por famílias pobres do campo.

Na Argélia, as aldrabas foram protagonistas de uma colecção de selos em 1993, e diz-nos um site sobre a casa argelina que se entra no domicílio por uma porta de madeira esculpida, ornamentada, com duas aldrabas, a que está mais abaixo, para os peões, a que está mais acima, para os visitantes montados...

Com o título "Le fer forgé tunisien," há um interessante sítio que explica ter sido o ferro forjado tunisino inspirado nos modos de fabricação andaluz, com motivos ornamentais de inspiração árabe, espanhola e portuguesa.

Neste mesmo local é-nos informado que, entre outros acessórios metálicos, as portas exibem Khomsas, elemento especificamente árabe, que representa uma lendária mão, protectora contra o mau-olhado.

Mas foi sobretudo no site "Galerie des Portes" que aborda as portas de Nefta, que o testemunho escrito, tantas vezes procurado, finalmente surgiu:

"Verificará que cada porta dispõe de três aldrabas, cada uma com uma sonoridade particular e assim o dono ou a dona da casa pode aperceber-se se o visitante é mulher, homem ou criança. Estas aldrabas estão dispostas, segundo uma regra: a do homem à direita, a da mulher à esquerda e a da criança, mais pequena, à direita, mas mais baixa que as outras..."

Em Janeiro de 2001, na cidade de Tozeur, Taieb Omrani tinha-me relatado esta mesma disposição hierárquica das aldrabas e explicado que "elas têm uma sonoridade diferente. Antigamente, todas as portas eram assim...Agora, as pessoas que ainda têm aldrabas nas portas, nem sequer sabem a utilidade que as mesmas tiveram no passado!"

Entretanto, na Internet, um site encontrado em 2-2-02, confirma a tradição da divisão sexista no mundo islâmico, propiciada pelo utensílio que neste artigo tenho procurado dissecar.

Observada numa cidade dos confins do Irão, uma porta chama a atenção do autor. Assim, *"homens e mulheres utilizam cada um a sua aldraba, podendo os habitantes da casa aperceber-se do sexo do visitante. Uma mulher irá abrir a porta a uma mulher e um homem abrirá a porta a um homem..."*

O texto é acompanhado por duas fotografias, onde vislumbramos um martelo (batente) de porta e uma aldraba. Segundo o ciberautor, simbolicamente, o instrumento circular será o da mulher, emitindo um toque mais suave que o martelo, o qual produz um som grave.

Esta separação, foi estudada por Abdelwahab Bouhdiba, que salientou o facto da *"bipolaridade do mundo repousar sobre a rigorosa separação de duas "ordens", o feminino e o masculino", sendo a "melhor forma de realizar o acordo desejado por Deus, o homem assumir a sua masculinidade e a mulher desempenhar o encargo da sua própria feminilidade"*.

Ao estudar os espaços femininos em Marrocos, a antropóloga Maria Cardeira da Silva, escreveu que: *"grandes mansões, ostentavam o seu estatuto nas grandes portas de madeira pintadas de cores*

escuras e decoradas com enormes batentes (sublinhado nosso) circulares ou Khamsã-s de bronze" e acrescentou: "ou como ficaram conhecidas pelos franceses - mains de Fatma - a representação de uma mão, como batente de porta, idêntica às encontradas por todo o sul de Portugal, ou simples amuleto. A sua decoração com um pentagrama reforça a eficácia protectora que o número cinco (...) já por si lhe confere. É especialmente benéfica contra o mau-olhado."

Apesar de sublinhar a eficácia simbólica, esta investigadora não aborda o papel hierárquico e de divisão sexista, que a aldraba também desempenhou nas Sociedades Magrebinas.

"Os homens não compreendem as mulheres e as mulheres não compreendem os homens (...) A fronteira indica a linha de poder, e onde quer que haja uma fronteira há dois tipos de criaturas que caminham pela terra de Alá: de um lado, os poderosos; do outro os indefesos", escreve Fatima Mernissi, em "Sonhos Proibidos, Memórias de um Harém de Fez." Em vão esperei uma alusão à Khomsa, à estratégia de poder que a divisão Homem – mulher implicava naquela sociedade. Mesmo quando fala das profissões e refere os "Haddadin", ferreiros de Fez, é omissa quanto à mão de Fatma, e por conseguinte ao problema das aldrabas...

Em "Symboliques Corporelles et Espaces Musulmans" outra investigadora, esta tunisina, afirma que "muitas vezes, o funcional casa-se com a estética, para contribuir para a exacta projecção de uma estrutura histórica e cultural."

Mas também ela se esquece de falar das aldrabas, quer nas sociabilidades do quotidiano, quer na relação com a espiritualidade mágico-religiosa... Curiosamente, esta última faceta acabará por se enraizar na cultura ocidental, como é testemunhado por Adalberto Alves: *"A Mão de Fatma, propiciadora de boa sorte segundo o imaginário árabe, ainda hoje ornamenta inúmeras portas de casa portuguesas."*

Durante uma outra pesquisa na Internet, em "superstições ou credices," recolhi o alvitre, que, *"numa cerimónia religiosa no momento de levantar a hóstia se alguém puser a aldraba da porta da igreja em posição vertical invertida, as mulheres que forem bruxas e estiverem a assistir à missa levantam-se."*

Por último, lamenta-se que muitas das pistas descobertas através da *web*, não obstante fornecerem matéria pertinente para elaborar e fundamentar processos reflexivos, sejam omissas acerca das fontes onde essa recolha ganhou forma

6. ALDRABAS EM INGLATERRA, ESPANHA E FRANÇA: DA IDADE MÉDIA À ACTUALIDADE

Na obra "O relógio da História," o autor informa que *"as aldrabas de porta são muito antigas",* revelando que *"Brassenose College em Oxford deve o nome à sua original aldraba de bronze, uma cabeça de leão, que se sabe ter sido tirada pelos alunos quando entraram em greve em 1334"...*

Na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (pp.836-837), são apresentadas oito imagens referentes a aldrabas, dos séculos XIV, XV e XVI, sendo os exemplares deste último século em bronze, e os anteriores, em ferro forjado, de entre os quais aparecem trabalhos catalães de Vich, Stiges, Barcelona e de Cap Ferrat...

Em França, o interesse pelas aldrabas é tal, que aparecem inúmeros sites na Internet, reproduzindo exemplares belíssimos, de Aix-en-Provence, ou de Pezenas, só para referir dois exemplos.

Há até o caso de um anónimo que, nos seus passeios, fotografa aldrabas, gabando-se de ter já uma vasta colecção.

Alain Rigo, serralheiro de arte de Saint-Privat afirma que *"a aldraba apareceu em França no séc. XVI, no fim do gótico, em mansões da nobreza"* e defende que estes *"símbolos de um tempo mais lento"* terão futuro, através dos amadores destas obras, que hão-de perpetuar a tradição. Chamando-lhes *"jóias sonoras"*, um site anuncia que *"cerca de uma trintena de exemplares clássicos em ferro forjado animam as austeras fachadas de Riom"* e informa que nos últimos tempos, igual número de aldrabas desapareceu, concluindo com tristeza o quão vulnerável é este património, que deveria ser de novo apreciado, por quantos gostam daquela localidade.

No volume *"Heurtoirs de Bordeaux,"* de Marie France Lacoue-Labarthe, estudo rigoroso, acompanhado de dezenas de sumptuosas ilustrações, há esta citação de H. Hang:

"A aldraba foi em toda a Europa, o objecto dum destino particular: fixado no centro da porta de entrada e à altura do olhar, era um microcosmos, encarregado de anunciar ao visitante o estatuto, a riqueza, as armas e às vezes também as iniciais do proprietário da casa."

Lacoue-Labarthe é da opinião que de início, as aldrabas, seriam como todos os objectos de arte decorativa, raras, apanágio do poder civil ou religioso.

O livro desta autora, que está recheado de imagens e bibliografia adequadas constitui um extraordinário ensinamento do quanto é preciso fazer, nesta matéria, em Portugal.

7. A EVIDÊNCIA DA ALDRABA EM PORTUGAL

Escrevi noutra local, que *"a aldraba atravessou séculos e gerações, pendurada nas portas, sem grandes ameaças, até surgirem, primeiro, os batentes, depois as campainhas e finalmente as portas de alumínio, com seus puxadores sem história nem beleza (...) Era bom que, na mentalidade das pessoas de hoje, houvesse um lugar, onde a aldraba, que tem tanta história e tanto valor, pudesse sobreviver, ao menos como peça decorativa, para homenagearmos aqueles, que trabalharam e alindaram a terra que encontrámos."*

Aliás, André Leroi-Gourhan destacou que *"o gesto técnico é criador de formas, que, retiradas do mundo inerte, se prestam à animação (...) O homem só é homem na medida em que está entre outros homens e revestido dos símbolos representativos da sua razão de ser."*

No nosso país, encontramos bastantes aldrabas em Montemor-o-Novo.

Entrevistado em 9-3-2001, o professor Alexandre Laboreiro afirmou: *"Os montes alentejanos utilizam predominantemente a aldraba. É uma tradição a utilização da aldraba. Não têm batentes nem puxadores..."*

Nos castelos de Noudar e Silves, na velha aldeia da Luz, em Faro ou Aljezur, fotografei vários testemunhos deste vestígio de uma civilização evaporada.

Lisboa, sobretudo na parte antiga, é um imenso mostruário de aldrabas. Alcântara, Madragoa, Alfama e Mouraria são bairros ainda com uma razoável quantidade de exemplares.

A Rua de S. Bento e até as ruas do Prior e de S. Domingos à Lapa, com inúmeros palacetes e casas burguesas, exibem igualmente uma notável mancha da secular mão estilizada...

Porém, esta abundância é precária. De um momento para o outro, se não houver medidas de protecção, este curioso objecto pode desaparecer. *"Basta apenas que os nossos responsáveis autárquicos cedam à especulação e à desarmonia que proliferam no sector da construção."*

Em "Memórias Árabo - Islâmicas em Portugal", José Alberto Alegria nota que *"múltiplos são os exemplos dessas memórias e desses fascínios. De facto, não poderemos falar da Arquitectura Tradicional Portuguesa dos últimos oito séculos sem referir (...) o geometrismo e o fitomorfismo dos ferros forjados (...) as portas e janelas de reixa, a mão de Fátima (Filha do Profeta) nos batentes das portas."*

A minha pesquisa abarcou entretanto a Beira-Baixa. Em Monsanto e na vila de Alpedrinha descobri belos espécimes. E durante uma viagem à Galiza, encontrei este utensílio em Santiago e Ferrol. Mas foi em Moreanes (Mértola), que fiquei extasiado, ao ponto de escrever:

"Um costume houve, que os ecos da modernidade quase apagaram, não fora a bela teimosia de um punhado de gente ainda jovem, um grupo de irmãos, que resolveu construir harmoniosamente, no coração da terra - mãe, à qual regressam, sempre que podem, para escutar o silêncio, ou o vento. Refiro-me às aldrabas, que estas pessoas, respeitando o velho hábito, tornaram a colocar nas suas portas. Sem o saberem, devolveram à sua aldeia o esplendor de uma tradição que campainhas, puxadores e portas de alumínio eliminaram."

É interessante verificar que no Sul, por vezes, a aldraba incorpora um conjunto de harmonia geométrica, tão ao gosto dos árabes, que embeleza as portas, para lá da função utilitária. São os espelhos de fechadura, que, em torno desta, com maior ou menor dimensão, recuperam ou reproduzem uma arte em vias de extinção, onde a sabedoria do arabesco está vincada. Encontrei estes sinais de forma empírica. Mais tarde, consultando obras diversas, surgiram-me referências a estes trabalhos de minúcia e criatividade, que no norte do nosso país se apresentam ornamentados com símbolos cristãos..."

"É vulgar reconhecer-se (...) potencialidades apotropaicas (poder mágico de afastar malefícios). (...) Natural era que tal necessidade se viesse a exprimir em redor da fechadura, precisamente porque é função da fechadura fechar, isto é, impedir a entrada, naturalmente não apenas a intrusos, mas, aos espíritos maus."

Leite de Vasconcellos debruçou-se sobre esta matéria, tendo escrito que encontrara *"na porta de entrada de certas casas, por vários lugares do país, um espelho de fechadura e uma aldrava cruciformes,"* porque *"a casa de habitação, pelo que toca (...) à superstição e à crença" é um "verdadeiro baluarte contra o influxo de entidades mágicas."*

Quanto ao espelho *"pode ser muito singelo, com forma permanente geométrica, por exemplo de losango, ou recortado, tomando, então, várias formas artísticas (...)* A cruz que se vê em alguns destes tipos destina-se na origem a afugentar os espíritos maus."

Vergílio Correia, num artigo sobre a "Arte Popular Portuguesa" fala em martelos de portas ou *"martelos de aldravas"*, que *"tomam segundo uma tradição antiquíssima a forma de animais, em especial a de saurios, de boca aberta e feroz."*

Mas a evidência da aldraba em Portugal manifesta-se igualmente noutras vertentes. A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira remete-nos para referências a aldrabas em obras literárias e até no folclore nortenho, o que testemunha a utilização deste objecto no quotidiano dos portugueses, ao longo dos séculos.

Em Alexandre Herculano, segundo aquela enciclopédia, lê-se: *"O converso ou barbato, como então chamavam aos leigos, ergueu a aldraba e com as mãos cruzadas sobre o peito esperou que o padre mestre o mandasse falar."*

E Frei Manuel Bernardes diz na sua "Floresta", tomo I, p.92: *"Chamava Deus às portas do seu coração com rijas aldrabadas."*

Aldravar é um verbo utilizado por Camilo Castelo Branco em obras suas, e a citada enciclopédia mostra dois exemplos:

"Fui aldravar-lhe à porta" in "Caveira", p. 325;

"Aldravou ao portão da quinta" in "Bom Jesus";

Eça de Queirós também é referido: *"Agarrei a grossa aldraba da porta – mas hesitei com terror da certeza que vinha buscar terminante e irrespirável"* ("A Relíquia", p.65)
Finalmente, revela este precioso "informante" que, *"nas suas cantigas amorosas, o gracioso cancioneiro regional nortenho"*, diz, por exemplo: *"Passei pela tua porta/ puxei a aldraba com força/ veio teu pai com uma tranca/ fugi a pinchos de corça."*

8. POR UM MUSEU DA ALDRABA

Longe vão os tempos em que um serralheiro para ser considerado oficial da profissão, durante o exame de aptidão, entre outras peças, tinha de construir uma aldraba.

Nas descrições que chegaram até aos dias de hoje, sobre a feira de Castro Verde, em 1914, lá está a referência a produtos muito especiais que o forasteiro poderia comprar: *"ferrolhos; aldrabas e toda a sorte de ferragens forjadas."*

E há notícias que dão conta de, no Museu Abade de Baçal, em Bragança, haver uma aldraba, para mostrar como eram as portas antigas (com espelho de fechadura, arte muito em voga naquela região, noutras épocas...)

Todavia, a ideia de um Museu consagrado à aldraba, *"ou, pelo menos de um núcleo dentro de um museu já existente,"* foi-me sugerida pelo conhecido arabista Dr. Adalberto Alves, que sublinha:

"Sendo indiscutível o étimo árabe da aldraba (ad-dabbâ, que em espanhol deu aldaba) não restam dúvidas que foi no período muçulmano que se verificou, se não a sua introdução, pelo menos o apogeu do seu uso e divulgação. Daí o ter-se imposto o vocábulo árabe, obliterando outro ou outros de origem diversa que pudessem ter designado esse acessório da porta."

"Nas minhas deambulações por medinas de muitos países árabes, por todo o lado, vi aldrabas, o que reforça a minha convicção de que esse é mais um dos aspectos que faz parte do legado islâmico à nossa cultura."

A sugestão aqui fica, pois, para lá da pertinência de considerar, pela sua história e uso, a aldraba um objecto musealizável, digna de uma exposição, onde os aspectos abordados neste trabalho, possam servir de suporte à recolha dos materiais a exhibir, importa sublinhar e subscrever alguns excertos, de um interessante apelo em forma de artigo, assinado por Augusto Baptista:

"À morte funcional dos objectos não tem de corresponder a respectiva eliminação física, no sentido da sua destruição (...) Cada vez menos são os sobreviventes, cada vez menos a sua variedade (...) E assim, aos poucos, a cidade fica mais pobre (...) aos poucos, morre desfigurado o casario antigo, a

memória, a cidade. (...) É tempo de inflectir este curso bacoco de feroz destruição do património e da identidade cultural (...) Não bastam boas palavras, intenções. Precisa-se é de acção decidida e coordenada, a começar por quem tem responsabilidade nestas coisas, autarquia à cabeça."

Finalmente, fica a convicção que este será um primeiro trabalho sistematizado acerca das aldrabas. Espero que a pesquisa desenvolvida ao longo de vários anos possa ter contribuído para extrair do pó dos tempos algumas explicações acerca de um utensílio que não gostaria de ver desaparecer.

Até porque continuamos a utilizar na nossa linguagem um verbo que dá que pensar, o verbo aldrabar. Já me interroguei se ele não terá surgido, quando havia nas portas três aldrabas, iguais às das portas de Nefta, e, numa inversão das regras pré – estabelecidas, um homem tocava na aldraba das mulheres (ou vice-versa...), enganando os da casa, por brincadeira, ou por qualquer motivação que o levasse a fazer tal embuste.

Quantas vezes não escutámos alguém dizer, durante uma conversa, para o seu interlocutor: "Tu não me aldrabes!", e nesse contexto, sabemos que o significado quererá exprimir: "tu não me baralhes!"

Mas isso são outras estórias...

BIBLIOGRAFIA:

LIVROS:

AAVV, (1997) "Memórias Árabo-Islâmicas em Portugal", Comissão Nacional das Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

AAVV, (1995) "Tunisie Un Patrimoine Inédit", Institut du Monde Arabe/ Éditions de L'Amateur.

AAVV, (1988) "La Tunisie", Paris, Librairie Larousse.

AAVV, (1986) "Dicionário Prático Ilustrado, Porto, Lello.

AAVV, (1985) "Artes e Tradições da Região do Porto", Direcção Geral de Comunicação Social, pp. 251-270.

AAVV, (s/d) "Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira", volume I, Lisboa-Rio de Janeiro, ed. Enciclopédia Ltda.

ABDALLAH, Chadly Ben (1988) "Fêtes Religieuses et Rythmes de Tunisie", Tunis, J.P.S. Editions.

ALERO, Aurelio Cid; GRAMMATICO, Daniel (2000) "L'Alhambra vue de près", Edilux.

ALVES, Adalberto (2001) "A Herança Árabe em Portugal", Lisboa, ed. CTT.

(1999) "Portugal Ecos de um Passado Árabe", Instituto Camões.

(1997) "Nítido Crescente", Lisboa, Hugin.

(1991) "Portugal e o Islão Escritos do Crescente", Lisboa, Teorema.

(1991) "O Meu Coração é Árabe", Lisboa, Assírio & Alvim.

BOUHDIBA, Abdelwahab (1986) "La Sexualité en Islam", Paris, Quadrige/PUF, 4ª edição.

CIRLOT, Eduardo (2000) "Dicionário de Símbolos", Lisboa, D. Quixote.

COELHO, António Borges (1989) "Portugal na Espanha Árabe", volumes 1 e 2, Lisboa, Caminho, 2ª edição;
(1986) "Questionar a História", Lisboa, Caminho.

- CHEVALIER, J.; GHEERBRANDT (1994) "Dicionário dos Símbolos", Teorema, Lisboa.
- GOURHAN, André-Leroi (1987) "O Gesto e a Palavra 2 Memória e Ritmos", Lisboa, edições 70.
- COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio (1999) "Dicionário de Língua Portuguesa", Porto Editora, 8ª edição.
- FANTAR, M'Hamed (1989) "Le Bardo un palais un Musée", Tunis, Alif.
- LACOUÉ-LABARTHE, Marie France; GÉMIN, Pierre (2000) "Heurtoirs de Bordeaux", Pau, ed. Princi Réguer.
- MACHADO, José Pedro (1991) "Vocabulário Português de Origem Árabe", Lisboa, editorial Notícias.
(1977) "Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa", Lisboa, Livros Horizonte.
- MERNISSI, Fátima (1998) "Sonhos Proibidos Memórias de um Harém de Fez", Porto, Asa.
- SILVA, António de Moraes (1987) "Novo Dicionário Compacto de Língua Portuguesa", Confluência.
- SILVA, Maria Cardeira da (1999) "Um Islão Prático", Oeiras, Celta.
- TRESIDER, Jack (2000) "Os Símbolos e o seu Significado", Círculo de Leitores.
- TREASE, G. (1986) "O Relógio da História," Lisboa, Verbo, pp. 52-53.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1983) "Etnografia Portuguesa" Volume II, Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda.
- ZANNAD, Traki (1984) "Symboliques Corporelles et Espaces Musulmans", Tunis, Cérés Productions.

ARTIGOS:

- AAVV (1997) "Architecture Méditerranéenne Tunisie La Medina de Tunis Ville du Patrimoine Mondial (vieux quartiers vie nouvelle)", Marseille, ed. RK.
- BAPTISTA, Augusto (1990) "Salvem os Batentes", in "Visão", 10 de Março, pp. 50-51.
- CORREIA, Vergílio (1915) "Arte Popular Portuguesa III Construções e objectos em que se manifesta", in "Águia", 2ª série, 48, pp. 239- 249.
- LOPES, Pedro (1999) "Algumas Notas sobre as Artes do Ferro" in "Vilas e Cidades", Julho, pp. 46-52.
- MAÇARICO, Luís Filipe
(2000) "Aldrabas e Globalização", in "Folha de Montemor", nº 138, Outubro e nº 6 do "Fanal", suplemento cultural de "O Distrito de Portalegre", 20 de Outubro.
(2001a) "As Aldrabas de Lisbuna", in "A Voz do Operário", nº 2859, Janeiro.
(2001b) "Aldrabas e Globalização", in "Memória Alentejana", boletim informativo do CEDA (Centro de Estudos Documentais do Alentejo), nº 2, Verão.
(2001c) "Um Património Quase Invisível", in "Jornal do Fundão", 9 de Fevereiro.
(2001d) "Moreanes e as suas Aldrabas", in "Alentejo Ilustrado", suplemento do "Diário do Alentejo", 22 de (2001e)
"Os Segredos da Aldraba", in "Rosa Albardeira," nº6, Outubro/Novembro, p.6.
- SILVA, J. Palminha (2001) "Portas de Évora", in "Diário do Sul", 21 de Agosto, pp. 10-11.

CATÁLOGOS E FOLHETOS:

- "Portugal Islâmico os últimos sinais do Mediterrâneo", (s/d) legendas da exposição, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.
- AAVV (1996) "Vieux Quartiers vie Nouvelle", Municipalité de Tunis e Association Sauvegarde de la Medina de Tunis.

DEPOIMENTOS:

- ALVES, Adalberto, carta, 6-6-2001;
LABOREIRO, José Alexandre- Montemor-o-Novo, 9-3-2001.
OMRANI, Salem, Lisboa, Abril 1999.
OMRANI, Taieb, Tozeur, Janeiro 2001.

WEBGRAFIA:

<http://www.angelfire.com/Oh2/magiepuce/symbole.html>
<http://www.media-international.net/ethno/ecoles/rabat/theme3/theme3a.shtml>
<http://www.atlasnet.netma/amf/fiches/portmaroc.htm>
http://www.mas.ma/fes_hg5.htm
<http://www.southbazar.com/infor/tecnic/mdocni.htm>
http://www.capmaroc.com/histoire_metaux.asp
<http://www.chez.com/nef2/galerie.htm>
http://www.raken.com/info/fr/historique/fer_forge.asp
<http://www.postelecom.dz/philatelie/heurt.html>
<http://members.aol.com/vieilalger/maison.htm>
http://users.skynet.be/SMH/Fr/musee/tradi_pop.htm
<http://www.eifo.com.br>
<http://www.prof2000.pt/users/rumatos/netinsua/lendas.htm>
<http://www.multihotel.com/trigueirão/v1n6/v1n6-art3.htm>
http://saintprivat.free.fr/ar_heurt.html
http://saintprivat.free.fr/ar_temps.html
<http://perso.wanadoo.fr/traditionatavenir/main15.htm>
<http://perso.infonie.fr/phil-levasseur/heurtoris/heurt1.htm>
<http://www.elementa.asso.fr/dom3.htm>
http://members3.clubphoto.com/gatt248139/HEURTOIRS_DE_PORTE/incons.phtml
<http://loiaduffar.multimania.com/AixenProvence/Portes%20anciennes/pp.../ppage35.ht>
http://www.harissa.com/D_forum/loriginedelaKhamsa.htm